

Que Brasil Queremos? O que dizem os/as jovens

Com a palavra o Fórum das Juventudes da RMBH,
Movimento Tarifa Zero, Rede AfroLGBT, Juventude Rural

Claudia Mayorga

Lucas Jerônimo Ribeiro

Por Rede Juventude UFMG¹

Universidade Federal de Minas Gerais

5



Foto: Gabriela Carraro – Proex/UFMG

Introdução

De acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária – PNEU, a Universidade Pública brasileira deve ser comprometida com o desenvolvimento social sustentável e ético, afinando-se aos valores e interesses sociais e contribuindo para o incremento das políticas públicas junto à comunidade e à

¹ O evento *Que Brasil queremos? O que dizem os /as jovens?* foi uma organização coletiva da Rede Juventude UFMG e este material foi organizado por participantes da rede.

Administração Pública. São imprescindíveis, sob esse aspecto, as bases da interdisciplinariedade, interprofissionalidade e a formação de alianças intersetoriais, as quais passam a representar um norte de atuação fundamental à luz de uma abordagem holística das problemáticas políticas e sociais contemporâneas (PNEU, 2012).

Atenta a esse enfoque, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais retomou, no ano de 2014, a articulação da Rede Juventude UFMG (iniciada em anos anteriores) formada por docentes, discentes de graduação e pós-graduação e técnicos administrativos que desenvolvem programas, projetos e ações de extensão afetas às crianças, adolescentes e jovens. A Rede surge a partir do interesse em viabilizar uma interação dialógica mais coesa entre os atores universitários e não universitários comprometidos com a efetividade do eixo transversal dos direitos humanos infanto-juvenis. A Rede Juventude UFMG reúne núcleos, grupos e laboratórios de diversas áreas do conhecimento que desenvolvem atividades de extensão, ensino e pesquisa com a juventude e busca construir uma agenda comum de trabalho em torno das questões emergenciais que afetam essa população².

Dentre as atividades desenvolvidas pela Rede Juventude UFMG, encontram-se a realização de três eventos: “UFMG debate a Maioridade Penal”, “Territórios da Juventude” e “Que Brasil Queremos: o que dizem os/as jovens?”, todos com enfoque crítico-reflexivo frente às questões políticas e sociais latentes no contexto nacional. O primeiro evento, realizado no primeiro semestre de 2015, visava a suscitar uma discussão acerca da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) sobre a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos no Brasil. À época, com a aprovação da PEC pela Câmara dos Deputados e seu encaminhamento ao Senado Federal, os integrantes da Rede Juventude UFMG entenderam ser fundamental efetivar um espaço de diálogo em que, desde a participação de adolescentes e jovens, o tema pudesse gerar um posicionamento da Rede com a apresentação de

² Grupos de Extensão, Ensino e Pesquisa que integram a Rede Juventude UFMG: Cidadania da Infância e Hipermídia (Escola de Ciência da Informação/UFMG); Conexões de Saberes (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG); Já é (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG); Janela da Escuta (Faculdade de Medicina/ UFMG); Lapsi (Faculdade de Educação/UFMG); Observatório da Juventude (Faculdade de Educação /UFMG); Observatório de Políticas Estudantis (Pró-reitoria de Assuntos Estudantis/UFMG); Programa Fórum Metrô (Faculdade de Educação / UFMG); Programa Polos (Faculdade de Direito/UFMG); Promoção da Saúde Bucal de Adolescentes (Faculdade de Odontologia/ UFMG); Recaj (Faculdade de Direito/UFMG); Selex (Escola de Engenharia/UFMG).

um produto coletivo publicizado em formato de Carta Aberta a toda a comunidade. No segundo evento, a Rede Juventude propôs um diálogo entre as juventudes que estão na universidade e as que não estão, mas têm sido parceiros fundamentais em várias ações desenvolvidas na universidade. Sobre o terceiro evento, objeto principal do presente trabalho, será apresentada sua breve contextualização e proposta, bem como a transcrição das falas dos participantes oradores.

Que Brasil Queremos?



Foto: Gabriela Carraro – Proex/UFMG

O primeiro semestre de 2016 foi marcado pelo acirramento da polarização política brasileira, com ampla ressonância social. O processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, cuja abertura na Câmara dos Deputados se deu no dia 02 de dezembro de 2015, ganhou contornos expressivos, com grande participação dos movimentos sociais, universidades, setores públicos e privados e com a tomada

das ruas por expressiva parcela da população. A partir de 12 de maio de 2016, o início do governo interino de Michael Temer assomou-se ao fervor social.

Duas vertentes político-sociais se destacaram em toda essa conjuntura: a) a dos que consideravam o contexto político um processo legítimo, com todas as características jurídicas que possibilitariam o *impeachment* da presidenta, sob os preceitos constitucionais fundantes do Estado Democrático de Direito e b) a dos que entendiam todo o contexto como um golpe antidemocrático, articulado por atores políticos. Dentre as diversas razões, estaria a não comprovação de um crime de responsabilidade que pudesse ser imputado à presidenta, requisito jurídico essencial para sua destituição. Entre os atores e atrizes que compartilhavam dessas posições, o protagonismo da juventude se fez presente: por meio de manifestações nas ruas e praças, ocupações de escolas e prédios públicos relacionados à cultura, saúde, educação, etc.

É diante desse cenário que o evento “Que Brasil Queremos: o que dizem os/as jovens?” foi realizado pela Rede Juventude UFMG, no dia 21 de Junho de 2016. Tendo em vista a necessidade de transcender aos discursos embebidos de polarizações políticas no país, foi oportunizada a abertura da Reitoria da Universidade para incitar a participação ativa das juventudes, representadas por lideranças do Fórum das Juventudes da Grande BH, Tarifa Zero BH, Rede AfroLGBT, Juventude Rural da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (Fetaemg), Nosso Sarau de Sarzedo, bem como a presença de integrantes do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), graduandos e pós-graduandos de diferentes cursos da UFMG, jovens da Cruz Vermelha, Associação Profissionalizante do Menor (ASSPROM) e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.

“Que Brasil Queremos? O que dizem os/as jovens?” é a expressão de fomento ao exercício da cidadania dentro do espaço público universitário, integrando as diversas vozes em um ambiente democrático de problematização sobre os rumos políticos nacionais. O Brasil que queremos, espera-se, seria construído por uma juventude mobilizada, articulada, que logra encontrar na diversidade as possibilidades para os percalços da democracia, na busca por soluções construtivas, cooperativas, em alteridade.

Com base na Política Nacional de Extensão Universitária,

É justamente aqui que se afirma a centralidade da Extensão Universitária, como prática acadêmica, como metodologia inter e transdisciplinar e como sistemática de interação dialógica entre a Universidade e a sociedade. Prática comprometida com a relevância e abrangência social das ações desenvolvidas; metodologia de produção do conhecimento que integra estudantes, professores e técnico-administrativos, formando-os para uma cidadania expandida do ponto de vista ético, técnico-científico, social, cultural e territorial; interação dialógica que ultrapassa, inclusive, as fronteiras nacionais, projetando-se para fora do País. (PNEU, 2012, p.11).

Assume-se, assim, que a UFMG é uma instituição integrante da sociedade e, à luz dos marcos normativos nacionais, primordialmente os princípios fundantes do Estatuto da Juventude – Lei nº 12.852, de 2013, deve contribuir para a promoção da autonomia e emancipação dos jovens, valorizando-os e promovendo uma participação social e política responsável, implicada e atenta ao desenvolvimento do país, reconhecendo-os como cidadãos partícipes e sujeitos de direitos e deveres. A seguir, são apresentadas as falas proferidas pelos/as convidados/as que foram fundamentais para fomentar os debates e reflexões junto aos presentes.

O que dizem os/as jovens?³

Com a palavra, Áurea Carolina!

Fórum das Juventudes da Região Metropolitana de Belo Horizonte



Foto: Gabriela Carraro – Proex/UFMG

“Já é? Firmeza. Obrigada a todos. Salve geral, muita força! Presença de poder, muita responsabilidade isso aqui, hein? Quero agradecer demais o convite da Pró-Reitoria de Extensão e da Rede Juventude UFMG. São raras as oportunidades de a gente trocar ideia em um espaço que tantas vezes é desfavorável às construções que nós pretendemos fazer e é preciso que a gente ocupe, resista e, dentro dessas instituições, construa a possibilidade de transformação também.

Estamos falando da Universidade Federal de Minas Gerais que, por muitos anos, não permitiu, por diferentes barreiras e problemas, a entrada de jovens negras e periféricas como a maioria de nós que estamos aqui presentes, por uma realidade histórica racista excludente que impedia que essa população pudesse sonhar um dia em entrar na Universidade. Então é um momento histórico que a gente está vivendo

³ As falas dos/as convidados/as foram gravadas pela equipe da Coordenadoria de Assuntos Comunitários da UFMG e transcritas por Luana Giarola Contiero, técnico-administrativa em educação da Proex/ UFMG e Cecília Cotinguiba, bolsista de extensão do Projeto Centro de Memória da Extensão da UFMG a quem agradecemos pelo trabalho realizado.

aqui e vem de muitos anos essa caminhada de resistência dos movimentos negros, feministas, das juventudes... Muita força para nós, vida longa e que a gente continue ocupando esse espaço.

Saudar os irmãos e as irmãs poetas Bin, João Paiva, Clara Lima. Vou partir aqui de uma pergunta que Clara faz no final do poema dela “quem eu sou e quem eu quero ser?” Para pensar que Brasil nós queremos é preciso compreender as nossas origens, as condições de vida que nós temos, os nossos sonhos, como é que a gente pode construí-los a partir da nossa realidade concreta, mas também almejando outras possibilidades de existência. E como o João falava também: “plantar revolução dentro de nós”. Aliás, o Bin é que falava “plantar revolução dentro de nós”. Para que a gente tenha esse Brasil que queremos é preciso ter uma semente revolucionária em cada corpo presente aqui, para que isso ganhe força coletiva e se transforme em uma movimentação poderosa que tenha efeitos nas estruturas, nas instituições, no sistema político, no nosso *corre* cotidiano. Mas é preciso que a gente se reconheça primeiro e para a gente saber quem somos, é preciso entender qual é a real socioeconômica do nosso país, a real racial, de gênero. Histórias que não são, em geral, contadas na escola convencional, histórias que a gente pode aprender em movimentos culturais como hip hop, o funk, saraus periféricos, por exemplo, no nosso contexto urbano de Belo Horizonte. Histórias que a gente pode até conhecer participando de movimentos sociais, mas muitas vezes não é comum a gente ter acesso a essas oportunidades.

A maioria da população não participa de movimentos sociais, não discute sobre política no cotidiano com esse grau de investimento que nós estamos fazendo aqui agora. Não quer dizer que a população não se interesse sobre esses assuntos, mas é porque o nosso cotidiano costuma ser tão pesado e a gente corre tanto, tem que trabalhar, tem que cuidar de filho, tem que responder por tantas responsabilidades que pode passar batido e tem um fator também que é muito sério: a gente não tem acesso à informação de qualidade, confiável, democrática porque os meios de comunicação convencionais são controlados por grupos econômicos que não têm interesse nessa informação. E aí, é preciso que a gente tenha uma movimentação em busca de possibilidades de entendimento, de descoberta para saber então essas origens de quem nós somos. Firmeza?

Quando dizem para a juventude negra e periférica que você não vai dar certo, que você não se adequa, que você é problema na escola, como diz o Mano Brown “se ser preto é assim, ir *pra* escola *pra* quê, se meu instinto é ruim eu não consigo aprender...”. Quantas vezes a gente ouve isso desde menininha, desde menininho, que a menina vai ter que dar certo cuidando de tarefa doméstica e ter que ser servil e ser bem comportada, porque se ela não é assim, ela é vadia e então ela pode ser estuprada, porque ela merece, o seu comportamento justifica a cultura do estupro, certo?

Esses ensinamentos são absurdamente violentos, mas fazem parte da nossa formação e poder questionar e desconstruir isso que está na nossa origem é fundamental para a gente saber realmente quem nós somos, buscar a nossa ancestralidade em outras matrizes de origem afro-brasileira, indígena, comunitária, periférica. Essas que não são mesmo transmitidas nos meios de poder oficial, certo? Então, esse contexto que vai trazer para nós também a possibilidade de reflexão e, aí, é preciso olhar o nosso entorno e também tentar interpretar criticamente o que está se passando.

Aconteceu um *impeachment* no Brasil, certo? Dizem que aconteceu *impeachment*, uma parte desses meios convencionais e uma parte da sociedade. Outra parte reage dizendo que não, houve um golpe institucional e para a gente entender porque que há posições diferentes nesse debate é preciso buscar informação. Na minha perspectiva, houve um golpe na democracia brasileira, uma ruptura institucional, foi tirada uma presidenta legitimamente eleita que pode ter mil problemas na gestão dela, mas não houve uma justificativa que legitimasse um *impeachment* da forma como aconteceu, aparentemente. Então, o que se verifica é um golpe que tem representado agora a perda de direitos, retrocessos e conquistas históricas, por exemplo, nas políticas para as mulheres, de promoção da igualdade racial, de juventude, coisas que afetam a real de cada uma de nós aqui.

Nas políticas de juventude houve uma extinção de um órgão que era muito importante para nós, que era a Secretaria Nacional de Juventude, que ao longo dos últimos anos tinha conseguido fazer avançar uma política nacional que reconhecia jovens como sujeitos de direitos e essa política é fruto de uma luta muito persistente de seguimentos que estão aqui presentes e de outras juventudes que não estão aqui. Essa ideia de que jovens são sujeitos de direitos é muito nova no Brasil e mal começa a ser consolidada entre nós e já está ameaçada.

Volta com muita força o discurso da redução da maioridade penal que atinge a nossa realidade diretamente, a ideia de que jovem negro, periférico, é perigoso, criminoso em potencial e por isso precisa ser contido pelo sistema, de preferência dentro de uma cadeia ou morto. Tanto é assim que nós enfrentamos uma realidade de genocídio da juventude negra e periférica. Vocês sabem quantos jovens são assassinados por dia no Brasil? São mais de 80. É como se esse lado aqui do auditório acabasse de ser apagado. Mais de 80 todos os dias e 77% desses que são assassinados tem a cor da maioria de vocês: é preto e é pardo.

Isso não aparece na Globo, não aparece no Datena, porque não interessa noticiar essas mortes de gente que não conta. E esse sistema racista, excludente, machista, homofóbico, transfóbico é feito para que a gente não pare para pensar no valor das nossas próprias vidas. E, de repente, entre nós, a gente está se maltratando, se detestando, se odiando e o sistema está batendo palma, quer que a gente se elimine mesmo.

E do genocídio da juventude negra é muito triste constatar que boa parte dos assassinatos são cometidos por jovens, irmão matando irmão, alimentando uma máquina que tem a ver com uma política de segurança pública repressora, um modelo de políticas sobre drogas que é pautado na guerra contra as pessoas, que não está interessado em punir o *mega* empresário que tem o helicóptero de cocaína com 450 quilos de pasta base de cocaína, *não dá nada pra ele*. Mas quem está na ponta do mercado do tráfico, o vapor, esse sim aguenta as consequências muitas vezes com a vida. É gente que não conta e é muito sério que a gente passe a se importar, eu me importo, e se a gente diz “eu me importo”, nós precisamos saber fundamentar o porquê disso. Eu me importo porque eu sou contra o racismo, eu me importo porque eu acredito que jovens negras precisam ocupar as Universidades, precisam ter acesso ao sistema político e tomar decisões que lhes afetam, eu me importo porque eu não aceito a cultura do estupro, eu me importo porque eu não suporto que mulheres travestis e transexuais sejam assassinadas quase que diariamente no nosso país e o Brasil seja campeão de assassinatos de pessoas *trans*.

É muita responsabilidade mesmo. Mas nós temos construído alternativas. A juventude nunca esteve parada na esquina de boca aberta esperando a morte chegar. A maioria de nós se movimenta buscando viver com alegria, dar sentido a

partir da música, da dança, da poesia, de um encontro com amigas e amigos, um futebol, um lazer. Ter um trabalho que faça sentido, viver uma vida menos ordinária e menos medíocre. Uma vida que seja aquela ideia de uma revolução plantada dentro de nós, essa revolução que pode ser irradiada na medida em que a gente contagia esse movimento e traz outras pessoas para fazer ação coletiva.

E há muitos exemplos recentes da ação coletiva acontecendo. Desde junho de 2013, no contexto da Copa das Confederações que houve no Brasil, nós tivemos uma multidão saindo às ruas reivindicando direitos e questões as mais variadas e aquilo teve efeitos importantes no nosso cenário de hoje. Aquelas Jornadas de Junho, então, que foram momentos caóticos de milhares, milhões de pessoas nas ruas, às vezes, com pautas contraditórias, mas com uma inquietação comum que era uma insatisfação em relação ao sistema político, com esses políticos profissionais que não nos representam que estão lá por conta dos seus interesses próprios. Ali sim, tinha um espírito de povo que poderia ser direcionado para um processo de transformação mais profundo, mas ninguém controla o curso da história e aquilo teve rumos diversos.

Uma parte daquele entusiasmo e daquela força foi apropriada por setores conservadores, setores antidemocráticos, que não estão nem aí para nós. Setores fascistas mesmo, que estão a fim de continuar intensificando o genocídio e a nossa eliminação. Esses setores estão representados no que eu entendo o que é o golpe institucional que se deu no Brasil. Mas não é um golpe só lá em Brasília, naquelas instituições, é um golpe também nas nossas formas de vida. Quando destroem as políticas de promoção da igualdade racial estão dizendo “pretos, aqui vocês não têm vez! E vocês não têm vez não é só na política pública, vocês não têm vez é no dia a dia”. E aí, ação afirmativa para inclusão de estudantes negros nas Universidades está seriamente ameaçada. Está ameaçada também a nossa possibilidade de existir, as nossas expressões culturais estão ameaçadas, as nossas linguagens, tanto é que existe uma criminalização das culturas juvenis, o funk não passa batido na quebrada. Quantas vezes a viatura chega só para dar um esculacho porque há uma roda de 5, 6 fazendo uma rima, curtindo um funk, escutando um som? Então o golpe, ele acontece em todas as dimensões da nossa vida, individualmente e coletivamente, e o golpe também se dá em algumas medidas bem planejadas, bem arquitetadas, como por exemplo, a ideia de uma escola sem partido.

Estão querendo vender para nós que não é possível discutir sobre essas questões dentro da escola. Na real, a operação é super enganadora, se a gente não estiver muito alerta, buscando entender quem nós somos, qual é o nosso redor e o que nós queremos, a gente vai comprar o “realmente, está certo, a escola tem que ser sem partido”. Ilusão, esse projeto é uma ideia de a escola ser única, de um único partido, uma escola que não permite a multiplicidade de pensamentos, de críticas, em que o debate seja franco. Quando se elimina a chance de uma conversa democrática dentro da escola pode saber que, fora dela, o caos já se instaurou há muito tempo. Quando dizem que a gente não pode discutir gênero e sexualidade nas escolas também estão querendo que a cultura do estupro continue sendo perpetuada. Quando dizem que você não pode refletir sobre as relações étnico-raciais, sobre a história de África, da diáspora africana, estão dizendo que a gente deve, como manada, continuar aceitando que a elite branca domine esse país e controle todos os recursos, certo?

Era um pouco essa minha contribuição. Mas não posso deixar de mencionar, antes de encerrar, que há exemplos muito animadores para nós de como a gente tem construído a resistência. As ocupações estudantis que aconteceram em São Paulo, no estado de Goiás, no Rio de Janeiro, em algumas escolas de Minas Gerais, recentemente, são uma demonstração de como nós temos, sim, muito poder e que a juventude se interessa pela escola, quer construir uma escola que seja diferente, que faça sentido.

Aqui em Belo Horizonte, a ocupação do Centro de Referência da Juventude, que acabou de ser encerrada, também como a conquista de negociação sobre a gestão compartilhada daquele equipamento, processo que está em curso ainda, que envolve muitas forças que estão presentes aqui também, é outro sinal de que nós temos, sim, uma capacidade de auto-organização, de aprendizado no processo, por que essas lutas educam também. E a mobilização das mulheres, por fim, contra a cultura de estupro. Esse levante que houve em todo Brasil, que já vem acontecendo há muito tempo, né? As mulheres não estão aceitando mais que digam que nós temos que ficar ali, aceitando controle machista e sendo humilhadas, expostas, torturadas, violentadas... mortas! As mulheres estão dizendo: nós existimos em condição de igualdade e nós exigimos respeito, políticas públicas, exigimos uma sociedade inclusiva! E quando aconteceu aquele estupro de uma jovem adolescente

numa comunidade do Rio de Janeiro isso vem à tona e todos na sociedade se indignam e se colocam contra a continuidade disso. É preciso também que a gente faça uma autorreflexão sobre qual é a nossa postura nesse debate e que atitude nós devemos desenvolver daqui pra frente, não é?

Essa revolução do país que nós queremos não vai acontecer sem a gente sair do nosso lugar de conforto e sem questionar a nossa própria formação. *É nós!*

Muito obrigada, muita força e nenhum direito a menos!”

Com a Palavra, Annie Oviedo!

Movimento Tarifa Zero



Foto: Gabriela Carraro – Proex/UFMG

“Bom, obrigada todo mundo, obrigada pelo convite enquanto integrante do Movimento Tarifa Zero. Eu estou muito feliz de estar aqui com vocês hoje, é um prazer. Quando convidaram a gente, fiquei pensando: “a gente é jovem?” E vimos que a gente é jovem. Eu imagino que quando convidam o Tarifa Zero enquanto movimento ligado à juventude isso tem muito a ver com a ideia de que... o assunto é *busão*. Então, essa é uma pauta da juventude! E é mesmo porque, afinal de contas, o meio Passe Estudantil, o Passe Livre Estudantil, é uma batalha histórica e a gente

continua nessa batalha porque, afinal de contas, a gente vê que isso não é uma realidade. Não em Belo Horizonte.

O que a prefeitura propôs, até então, prefiro não comentar. A gente fica numa situação, então, em que a ideia do *busão*, a Revolta do *busão*, é uma pauta da juventude. E o que acontece? A forma como a gente paga o ônibus tem muito a ver com isso porque a gente, que é estudante, paga tarifa cheia todos os dias e o sistema leva a gente a se comprometer em primeira pessoa muito porque a forma como é feita a lei do vale-transporte, que é dado ao trabalhador, etc., faz com que os sindicatos, que são as associações tradicionais de luta, não colem com a gente, não apareçam. E isso é um problema, sim. Eu não sei se todo mundo conhece o Tarifa Zero. Ele surgiu de 2013. E 2013, como a Áurea bem falou, foi uma coisa bastante conturbada, teve várias coisas boas, várias coisas ruins, coisas que era melhor nem nunca ter visto, enfim, vida que segue. E uma das coisas legais de 2013 foi a Assembleia Popular Horizontal em Belo Horizonte, que foi um momento de discussão, de debate. O que é que nós vamos fazer com esse país?

Como era gente demais, e isso é maravilhoso, né, assim, gente demais é sempre melhor que gente menos, a ideia foi de se dividir em grupo de trabalho. Havia vários grupos de trabalho, vários assuntos. Um deles era a mobilidade urbana. E aí, hoje o grupo de trabalho com o tema da mobilidade urbana seguiu e virou o Movimento Tarifa Zero. E eu vou ser bem sincera com vocês: muitas vezes, é muito difícil a gente concordar em fazer coisas e eu já cansei de ouvir na minha vida: “mas o Tarifa Zero não é vermelho e preto, ele é rosa e amarelo.” E a gente é mesmo, olha que maravilha. “O Tarifa Zero faz carnaval”, “ah, o Tarifa Zero é um bando de vagabundo porque fecha via, fecha o trânsito”, “o que que vocês *tão* fazendo?” E quando eu escuto essas coisas, eu sofro bastante. Porém, hoje em dia, eu passei da fase do sofrimento, que é claro sinal de que a velhice está se aproximando, e eu rio. É, a gente é rosa e amarelo, e daí? Se a gente fosse laranja e roxo não ia ser lindo da mesma forma? A estética das minhas cores, ela tem que dizer a respeito do tanto que eu me empenho em primeira pessoa por uma luta na qual eu acredito e pela qual eu gasto tanto tempo da minha vida.

E daí se eu sou rosa e amarelo? E, principalmente, e daí se Tarifa Zero é carnavalesco? Eu vou contar *pra* vocês que a parte do carnaval, eu venho do metal, né, então a parte do carnaval, ela é um pouco do sofrimento da minha vida, eu sou...

facção minoritária, assim, quando chega o carnaval aí eu penso “Deus, acabou!” Isso *pra* dizer o quê? Tem muitos movimentos que são muito parecidos com a gente, assim, não *tão* lindos, né, porém parecidos (risos). E, muito se fala sobre os novos movimentos sociais. E aí, aparentemente, a gente passou a integrar esses grupos porque os novos movimentos sociais, eles são parecidos com o que a gente entende. Inclusive a gente é aberto, a gente é horizontal, se você quiser ir a uma reunião do Tarifa Zero, você entra na nossa página do *Facebook* e vê o dia e vai e é isso aí.

A gente busca decidir as coisas por consenso, a gente preza pela horizontalidade enquanto forma. Quer dizer, a gente não é um partido político, a gente não é o sindicato, a gente está naquilo que se chama de *coisas novas*. E se chama de coisa nova, francamente, com algum desprezo. E eu acho que a gente, enquanto jovem, tem que ter isso muito claro, a gente se organiza da forma que a gente bota fé que as coisas têm que ser feitas, *véio*.

Eu não estou nem aí se o sindicato vai vir *pra* cima de mim e falar que “*tá* vendo, vocês são um bando de vagabundo; horizontalidade não consegue fazer nada, demora *pra* resolver os negócios porque os militantes estão e não estão, a galera vai nas reuniões e não vai, tem gente que só aparece *pro* carnaval, gente que só prato de rua”. Beleza, *véio*, a gente se organiza da forma que a gente quer. E isso é extremamente empoderador. Eu vou numa reunião do Tarifa Zero e eu digo “o que que nós vamos fazer hoje?” e a gente escolhe fazê-lo. E aí isso é maravilhoso, *véio*. A gente é, a gente não tem uma organização hierárquica centralizada que alguém manda os outros fazerem, e fazem, e se não fazem são cobrados. A gente não é assim. Porém, a gente vê um potencial nisso muito grande que é a possibilidade de a gente conversar e resolver as coisas no consenso.

Isso é muito poderoso porque construir consenso é muito difícil, demanda uma paciência sem fim. Tipo assim, se alguém aqui já participou de qualquer ato político, reunião ampliada, qualquer coisa do gênero, sabe que construir consenso é, literalmente, *véio*, uma pedrinha de cada vez em um muro gigantesco. E por que que eu estou dizendo essas coisas? É porque esse é o nosso modelo de movimento e, sim, a gente talvez seja um novo movimento social e, talvez, isso seja porque o capitalismo toma novas formas e a gente tem que achar novas formas para lidar com o modelo capitalista que a gente tem. Isso é fundamental, é o tipo de resposta que a gente se propõe a dar.

Então, o Tarifa Zero é sobre *busão*? É. E o *busão* é uma treta... não há transparência, não tem abertura de conta, a gente paga a tarifa e não sabe *pra* onde esse dinheiro *tá* indo porque as empresas de ônibus não abrem suas contas. A gente não sabe quanto dinheiro eles ganham, eles deixam de ganhar. Eu vou dar dois exemplos: o MOVE (sistema de transporte de Belo Horizonte) continua parado. Ele foi vendido para nós como o legado da Copa. Como pessoa que esteve dentro do cerco da Polícia Militar na Praça Sete e vejo alguém que fala de legado da Copa, eu tenho vontade de deitar, me enterrar e sumir desse planeta. O MOVE, segundo o Portal da Transparência, custou um bilhão e 60 milhões de reais. O MOVE tem 23 quilômetros. Significa que a gente, o nosso dinheiro, que podia estar sendo gasto *pra* gente, está aí. Mas nós gastamos 46 milhões de reais por quilômetro, por quilômetro, de MOVE! E ele é o quê? Uma desgraça!

Segunda coisa: é momento Kalashnikov, né? Eu sei. Belo Horizonte tem consórcios e eles são formados por empresas, uma dessas empresas é de um cara que chama Roberto José de Carvalho, ele é dono de empresa em Governador Valadares e em São Luís do Maranhão também. Em Governador Valadares, esse cara foi preso. Por quê? Porque ele estava pagando propina à Câmara de Vereadores da cidade para ter aumento de tarifa, para que não houvesse lei de gratuidade no ônibus para pessoas com deficiência.

Esse cara é empresário aqui. O dinheiro que ele levou *pra* Valadares saiu daqui. Quem banca esse cara, hein? Nós! A gente é quem paga o ônibus, né? Então, por que isso é um problema? Eu fico um pouco tensa quando falo essas coisas, eu me emociono. Mas o ônibus, *véio*, beleza, ele é uma praga, ele é feio, ele é velho, ele é sujo, ele fede... porém, o ônibus, ele faz uma coisa por nós fundamental. O transporte é um direito social e isso é uma coisa que é nossa pauta enquanto juventude porque a gente pensa hoje uma ampliação dos direitos básicos. Não é comida somente que importa *pra* nós. E o transporte, ele é um direito social por motivo muito simples aí: em uma cidade como a nossa, você não consegue fazer nada sem se deslocar. Se você não consegue fazer nada sem se deslocar e você não tem carro, você tem que pegar o ônibus. Você não tem alternativas.

Não, você não consegue fazer tudo na sua vida desde o seu sofá. Não dá *pra* fazer isso! Então, transitar pela cidade...*véio*, poder vir aqui nesse espaço da universidade saindo da minha casa que é longe daqui, ir *pro* centro, colar nos

saraus, em todas as coisas, tudo isso demanda que a gente se desloque. E a mobilidade urbana, ela só será uma coisa justa, inclusiva, que acaba com a exclusão sócio espacial, se o transporte for um direito. É nosso direito nos deslocar pela cidade. É nosso direito. *Busão* é uma coisa *pra* gente queimar e ficar puto e fazer manifestação na rua porque é o nosso direito nos mover e ter acesso ao que a cidade tem a nos oferecer.

A exclusão sócio espacial quer dizer que, se você mora em Esmeraldas, Região Metropolitana de Belo Horizonte, você tem dois ônibus por dia *pra* vir e voltar de Belo Horizonte. Eu formei na PUC Minas, eu fiz relações internacionais. Eu trabalhava no aeroporto de Confins. É um desastre. Um desastre! Você não consegue se deslocar porque o ônibus é ruim, porque o ônibus é caro, porque o ônibus não passa. E a mobilidade urbana, ela não é só um problema de gente vagabunda que vai na Rua da Bahia e toma tiro da PM do nosso querido Governador Fernando Pimentel. Mobilidade urbana, ela é uma coisa que torna a cidade um lugar inclusivo. E essa é uma pauta que mexe, particularmente, com a juventude!

E eu vou dizer mais uma coisa, porque eu acho que eu já estou demorando muito *pra* falar. *Então tá*. Eu vou dar um exemplo, aqui, da minha vidinha miserável. Eu sou um pouco dramática, né, desculpa? Não acredito em signos, porém sou de leão, haha. Eu faço mestrado hoje em relações internacionais, trabalho com América Latina e direito à cidade. Lógico, né? Que mais eu ia fazer da minha vida, evidentemente. Eu faço mestrado, sou bolsista Capes, então já estou numa posição de privilégio em relação a muita gente porque muita gente não tem acesso à pós-graduação. Pós-graduação demanda tempo *pra* caramba, então, se você tem que trabalhar *pra* se bancar na pós-graduação, vai ser muito difícil, mais do que já é na graduação. Eu vou dar um exemplo, aqui, e talvez eu seja julgada por esse exemplo. Quando a gente fala da juventude, e a gente aqui é a juventude, o que é que distingue a gente de quem não é juventude para além de a gente ser novo e as pessoas falarem “ah, um dia você vai entender a minha posição”? Ok. Há um problema que é fruto, na minha opinião, de um modelo capitalista mesmo, no qual quem é geração hoje de, entre aspas, “adultos”, e está no poder, toma de nós o que é o nosso futuro.

E o *busão*, ele é só mais um exemplo disso, porque se quem está no poder, hoje, na prefeitura, não se dispõe a tratar mobilidade urbana como direito, não se

dispõe a abrir conta e a mostrar *pra* gente que diabo está rolando naquela porra daquelas empresas de ônibus. É nosso futuro que está se ferrando em última análise. É o nosso dinheiro que *tá* indo *pro busão, véio*. E ele podia *tá* indo *pra* um milhão de outras coisas. E isso é verdadeiro em uma série de âmbitos da vida. Então, vou voltar ao meu exemplo aqui. Eu gosto de pesquisa, *véio*. Pesquisa sempre foi o meu *rolê*. Desde a graduação o que eu quero fazer é isso. Como se faz isso? Se entra na academia, que é um lugar bastante assustador, bastante! Tipo assim: medo! Entendeu? Crise de ansiedade na sua cama, choro, desespero. Ok. O modelo como ele é hoje demanda que eu, para ser pesquisadora nessa Universidade aqui, faça, no mínimo, mestrado e doutorado. Quantos professores que têm, hoje, a idade dos nossos pais, começaram a dar aula aqui tendo somente a graduação? Porém, as coisas mudaram. Se eu quiser ficar aqui, eu terei que fazer mestrado e doutorado e quando tiver terminado eu serei qualificada demais *pra* qualquer outro emprego. Eu não terei recebido, nunca, nenhum dia de carteira assinada apesar de ter ralado igual uma louca, dando aula *pra* professor que não aparece, que não faz as coisas, etc. e eu não terei nada nas mãos porque, na hora que eu terminar o doutorado, vai ter cinquenta pessoas que nem eu para quantas vagas? Duas; que vão *pra* quem? *Pra* quem era aluno daquele professor. Isso quer dizer que ser a juventude é olhar *pro* nosso futuro e ver que quem *tá* no poder hoje está tomando o nosso futuro. E isso é muito grave, muito grave.

Tipo assim: bom mesmo é morrer aos quarenta, por que você acha que aposentadoria *pra* gente, quando a gente não for juventude mais, vai ter? Lógico que não, *véio!* Morra numa pira de fogos de artifício maravilhosa e pronto, acabou. Mas por que que eu estou dando esse exemplo? *Pra* dizer que quando a gente fala, e eu concordo com o que a Áurea disse, que está acontecendo um golpe instrucional, o que é que isso quer dizer? Quer dizer que não há democracia em nenhum dos espaços e eu vou dizer uma coisa *pra* vocês que é fundamental, que é a razão pela qual eu dedico meu tempo ao Tarifa Zero hoje: a mobilidade urbana é uma coisa da nossa cidade. A nossa cidade é o nosso primeiro espaço coletivo político no sentido tradicional da palavra. O que isso quer dizer, *véio?* Que é fundamental a gente bater o pé pelo nosso direito à nossa cidade, porque a única forma que a gente tem de tomar o nosso futuro de volta é fazer diferente *pra* não ferrar com o futuro dos que estão vindo depois de nós. É a gente pensar uma outra forma e pensar essa outra

forma não diz respeito somente às abstrações. Ela diz respeito ao nosso espaço e à cidade pela qual a gente bate o pé, toma bala de borracha e briga. Ela é o nosso lugar por excelência.

A rua, ela não pode ser um lugar somente de passagem, ela tem que ser um lugar de permanência no sentido de que a gente pode socializar na rua. A gente pode brigar por uma sociedade que seja mais justa e mais inclusiva a partir do nosso primeiro espaço que é o da cidade. Então da próxima vez que alguém for falar “está vendo aquele bando de vagabundo fechando a rua”, você joga isso na cara dessa pessoa porque a cidade é de todo mundo que tá aqui, todo mundo, e é nosso direito tê-la, transformá-la em um lugar mais inclusivo e mais justo. É nosso direito lutar pelo nosso futuro a partir do nosso espaço, do nosso habitat natural no qual a gente tá posto todos os dias.

Então, é por essas coisas que eu fico muito feliz em falar aqui hoje com vocês e compartilhar esses pensamentos. É por isso que eu estou feliz, principalmente, em falar pelo Tarifa Zero. Agradeço infinitamente mais uma vez o convite e a atenção de vocês. Obrigada!”

Com a palavra, Evandro Nunes de Lima!

Rede AfroLGBT



Foto: Gabriela Carraro – Proex/UFMG

“Foi agora que eu cheguei, dá licença? Foi agora que eu cheguei, dá licença? Foi agora que eu cheguei, dá licença? Foi agora que eu cheguei, dá licença?”. Dá licença *pra* eu contar minha história? Eu sou Evandro, eu sou Evandro Nunes, desde criança estudei em escolas da periferia, em escolas públicas, e quando, em 1990, meu irmão foi morto pela polícia militar, eu tive consciência de que tudo que eu sofria na escola era apenas por eu ser negro.

A partir de então, eu começo um outro processo na minha vida. Ao invés de eu repudiar a escola, eu abraço a escola com todos os braços que eu tinha, com pernas, com tudo o que foi possível porque eu descobri, naquele exato momento, que *pra* que eu fosse alguém respeitado, eu deveria ter conhecimento. E eu busco conhecimento através da escola e encontro na minha cidade Santa Luzia, no bairro Conjunto Cristina, ali perto do Palmital do São Benedito. Exatamente, ali na escola Raul Teixeira da Costa. Ali eu encontro com o teatro.

E o teatro, ele me leva para outro lugar. Ele me traz até Belo Horizonte onde, na Lagoa do Nado, eu conheço um grupo chamado “Teatro Negro e Atitude” no qual eu entro e começo a me repensar novamente. Eu, Evandro, negro periférico, negro pobre nessa sociedade. E aí, a partir do teatro, eu começo a adentrar outros

espaços, né? Busco a Universidade, me torno pedagogo e a partir da pedagogia eu vou desenvolvendo outros processos. Pego a arte e levo e concilio com a educação e me formo arte-educador. Como arte-educador eu vou dentro da minha cidade, no programa Pró-Jovem, no Bairro Baronessa desenvolvendo atividades com jovens. Na escola Maria da Glória eu desenvolvo um projeto chamado Educar com Arte, onde eu, ainda jovem, a partir da arte, venho dialogando com aqueles meninos do meu bairro, meninos que eu vi crescer, meninos que eu vi nascer, meninos que, como eu, naquele exato momento, não tinham nenhuma perspectiva de vida porque, naquele bairro, na minha cidade, a gente não tinha a menor possibilidade de ser, de ter uma diversão, de ter um lazer. Não tínhamos uma praça decente, uma praça adequada e tudo que nós queríamos, teríamos que buscar longe, né? Ou era no Sesc, *pra* quem tinha possibilidade de fazer a carteirinha no Sesc, ou era num outro lugar no centro de Belo Horizonte, já que eu morava em outra cidade tinha que fazer essa viagem.

Então, na Lagoa do Nado é a partir desse meu trabalho com arte que eu começo a desenvolver e tento levar *pra* Santa Luzia um pouco do que eu conhecia a partir desse projeto dessas escolas do Pró-Jovem. Depois no Programa Fica Vivo, ali no Palmital, eu desenvolvi atividades de teatro durante muitos e muitos anos. Mais ou menos desde quando iniciou até 2012. Então foram 7 anos, eu desenvolvendo atividades de teatro junto com a juventude e sempre na perspectiva de nos questionar, de nos fazer refletir. Porque eu sempre me entendi enquanto educador. Então, eu nunca fui um professor, né? Eu sempre busquei apresentar caminhos. E os caminhos *pra* que cada um daqueles jovens, aquelas crianças que estivessem ali naquele trabalho pudessem se questionar, pudessem pensar e pudessem escolher os seus caminhos.

Alguns amigos sempre me disseram: “ah, mas como que a gente pode escolher se a gente não tem perspectiva?”. E eu sempre dizia: é... eu sempre acreditei no sujeito. Seja você, seja a escolha que você tem, você sempre tem uma escolha. Seja ela qual for, seja ela com menos possibilidades, com mais possibilidades, com menos oportunidades, com mais oportunidades, você enquanto sujeito. Então, eu vou fazendo esse trabalho, né, na Lagoa do Nado, junto com “Teatro Negro e Atitude”, no projeto Fica Vivo em Santa Luzia e, a partir de então, eu me descubro né, eu me deparo com outras questões.

A arte, ela também me apresenta um outro lugar que ela me faz repensar e me ver de uma forma diferenciada da maioria dos meus irmãos. Eu sou de uma

família de dez irmãos, eu sou o nono. Hoje o oitavo, né, porque meu irmão foi morto pela polícia. É... e eu me descubro diferente! Eu descubro também com a arte e com todos esses projetos, que eu era *gay*. E isso causa um outro problema porque além de *gay*, pobre né, de uma periferia, de uma cidade extremamente machista, extremamente homofóbica, estamos em um país racista, né? Porque nós vivemos nesse país racista que é o Brasil, que pensa branco e um país extremamente machista como a gente pode ver né... no nosso atual Congresso.

Então, eu me descubro *gay* e aí eu venho desenvolvendo outros trabalhos também com a juventude, e aí eu venho fazendo essa reflexão a todo momento também com esses jovens. Aí, eu entro *pra* Rede Afro LGBT, que é uma rede que é de negros *gays* em Belo Horizonte. Foi pensada para que pudéssemos nos fortalecer, *pra* que pudéssemos não mais ser assassinados, ser mortos por aí, só em função da nossa sexualidade. *Pra* que a gente pudesse abrigar um tanto de outros jovens, um tanto de outras jovens que estão nesse processo de descoberta, que por “n” questões são abandonados, são colocados para fora pela família ou são violentados pelos seus colegas, são violentados pela sociedade.

Então, a Rede Afro vem nessa perspectiva de trazer, de dizer *pra* nós que nós não estamos sozinhos e que se houver necessidade a gente pode se juntar a outros *pra* que a gente, cada vez mais, se fortaleça. E é a partir da Rede que eu também adentro os outros espaços da negritude né... Então, eu começo a pesquisar e todos os meus projetos da faculdade estão voltados a isso: trabalhar essa questão da negritude. Entender a necessidade de eu saber da minha origem, saber da minha ancestralidade, saber do lugar de onde eu vim, onde eu pudesse não mais aceitar com bons olhos quando as pessoas olham *pra* mim e me chamavam de moreninho, de marrom bombom, de chocolate.

E aí, é onde eu digo *pra* essas pessoas: eu não sou nada disso! Meu nome é Evandro, eu sou negro e eu sou preto de pele, se você quer me ofender, me chame de moreno, se você quer me ofender, me chame de pardo, se você quer me ofender, me chame de marrom bombom. Agora se você quer me agradar, me chame de preto, me chame de negro porque é isso que eu sou. E eu, tendo essa consciência, também começo a me perceber diferente na sociedade, onde eu começo a não mais andar com a cabeça abaixada, onde eu começo a andar não mais me sentindo subjugado, onde eu começo a perceber que o céu é apenas o limite, né? Que eu

não tinha que ser como a maioria dos meus professores e a maioria da sociedade dizia que eu deveria ser, trabalhar, ser alguém desqualificado ou alguém subalterno, alguém apenas subserviente, alguém que só nasceu ali *pra* servir porque a minha origem, ela vem do processo da escravidão.

Mal sabendo essas pessoas que a minha origem não é de escravos, até mesmo porque os meus ancestrais não foram escravos, eles vieram de África e lá eles eram reis, eram rainhas, eram crioulos, eram pesquisadores, eram cientistas e foi só por isso que eles vieram *pra* esse lugar, porque eles tinham conhecimento. Não é à toa que, até hoje, nós temos as pirâmides do Egito da forma que elas estão, intactas, porque o meu povo, a minha origem, que são, que é dos africanos, tinha conhecimento. Por isso que eles vieram *pra* cá. Não vieram só porque eles eram força de trabalho ou porque eles eram apenas pessoas passivas, muito pelo contrário, eles resistiram desde a sua saída da África como escravizados. Alguns, no seu processo de resistência, pularam no mar porque eles não se submeteram, não queriam se submeter a esse processo de escravização. Outros chegaram e construíram a sociedade da forma que nós a vemos hoje, né? Então foram fundamentais para esse português que tem essa malemolência *pra* que nós pudéssemos hoje, com toda nossa potência, nossa juventude, pudesse curtir o funk, pudesse curtir o rap, *pra* que nós, homens e mulheres, pudéssemos estar cada vez mais coloridos nos nossos trajés, nos nossos adornos.

Então, é quando eu tomo essa consciência que eu digo *pra* essas pessoas o desconhecimento que eles têm sobre a minha cultura, sobre a minha raça. Então, é só *pra* dizer que eu não vim de escravos, eu vim de reis. Essa é minha origem. E sabendo dessa minha origem eu dou conta de ser eu, negro, com o meu nariz grande, com minha bunda grande como é, exatamente assim, que as pessoas nos veem, né? É quando eu dou conta desse lugar; eu dou conta dessa percepção e começo a entender que isso não é feio, eu dou conta do meu cabelo, como as pessoas dizem duro, eu dou conta, né? Desse meu cabelo crespo, dessa minha pele que é diferenciada, eu dou conta desse lugar que eu me encontro na sociedade e por isso eu busco cada vez mais entender de onde eu vim, quem sou e porque a África é muito grande.

Então, *pra* perceber essa minha diferença e *pra* dizer *pra* essas pessoas que quem eu sou é essa figura, é essa pessoa negra, essa pessoa preta, né? É... que vos fala aqui. E, pensando nisso, aí eu tenho consciência da minha construção, da

minha cidadania plena, então eu dou conta de andar, como eu estava dizendo, que eu dou conta de andar de cabeça erguida e dou conta de adentrar a qualquer espaço sem me vitimizar. Eu sei quando há uma situação de racismo, quando as pessoas puxam a bolsa porque eu adentrei o espaço, eu sei que se sumir alguma coisa em algum espaço eu, sendo o único negro, eu vou ser o primeiro a ser acusado. E eu me fortaleço diante disso *pra* que eu dê conta de demonstrar *pra* todas essas pessoas que eu sou muito mais, né? Então, a arte, ela foi fundamental, o conhecimento foi fundamental *pra* que, hoje, eu pudesse andar cada vez mais de cabeça erguida. E diante disso, de todas essas questões do entendimento do meu lugar enquanto negro na sociedade, do entendimento do meu lugar enquanto *gay* nessa sociedade, o meu entendimento enquanto *gay*... o que um homem *gay*, sabendo que mesmo sendo *gay* diante de todos os meus privilégios de homem nessa sociedade machista, eu a todo momento eu me reconstruo, né? Então, eu me repenso exatamente *pra* que cada vez mais eu possa contribuir para uma sociedade melhor, melhor do que essa é... Em que eu fui criado. Melhor do que essa que eu fui, que eu vivi.

E é só diante disso, com toda essa consciência do meu lugar, dessa minha etnia, dessa minha cor, eu penso, né, que o Brasil que queremos é um lugar... O Brasil que eu quero e o Brasil que queremos é um lugar que seja possível de viver. Onde possamos aprender, onde possamos conviver, onde possamos ser. Onde a justiça e a equidade sejam colocadas em primeiro lugar, onde a cor da pele não seja um fator de exclusão, nem seja um para-raios de balas da polícia e de balas perdidas, onde a minha religiosidade possa ser exercida com uma dignidade e respeito sem ser demonizada. Onde a minha orientação sexual não seja vista como uma anomalia e eu encarado como um pervertido, um pedófilo. E, portanto, quero uma Belo Horizonte, uma Minas Gerais, um Brasil onde eu possa ser Evandro Nunes, artista, negro, pobre, candomblecista, *gay* e seja respeitado e tenha todos os meus direitos respeitados porque... Por ser eu preto, pobre e *gay*. Obrigado.”

Com a Palavra, Marilene Faustino!

Juventude Rural – Federação dos Trabalhadores na Agricultura Do Estado de Minas Gerais - FETAEMG



Foto: Gabriela Carraro – Proex/UFMG

“Boa tarde, Juventude! Eu quero aqui saudar a professora Claudia Mayorga, a Rede Juventude UFMG, todas as pessoas. Saúdo aqui também a *companheirada* aqui presente. Quero dizer da satisfação de estarmos aqui: nós, enquanto juventude rural, sermos visibilizados nesse espaço, nesse debate tão importante. Isso para nós é de grande importância na nossa luta, na nossa militância. Quero saudar com satisfação aqui, os companheiros jovens que vieram do interior de Minas Gerais, lideranças das regionais do Estado, que aqui estão, que coordenam os processos de juventude no Estado.

E eu sou a Marilene, sou trabalhadora rural, diretora do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Capitão Enéas, no norte de Minas Gerais. Sou de uma comunidade chamada Santana da Serra, no sertão mineiro, e venho de uma família que sempre trabalhou em terras alheias, em terras dos outros. E vivi um pouquinho da minha infância... Acompanhei uma pequena terra do meu avô sendo grilada por fazendeiros da região. Então, essa é a minha luta, é isso que corre na minha veia.

Falar de juventude rural! Nós vivemos ciclos da nossa vida que passam por determinado tempo histórico, não é? E aí, a juventude rural sempre esteve presente nas histórias de lutas, de construção, de defesa do campo que nós queremos. Os

movimentos sociais do campo e o movimento sindical foram formados, na época de sua criação, por sujeitos jovens. E aí, a gente não tinha esse reconhecimento, a gente não falava dessa identidade - de juventude - nesse espaço. E hoje vemos que a gente foi amadurecendo nesse processo.

E falar do Brasil que queremos é... Acho que a Juventude Rural já começa pela construção da identidade da juventude rural! Historicamente a gente foi invisibilizado e a construção das identidades da juventude rural é contrapor a um sistema - hoje um projeto de sociedade - que não reconhece os diversos sujeitos desse campo. E aí, é falar de uma juventude que primeiro precisa se reconhecer como sujeito de direito dessa história, sujeito de ação nessa história. É falar de elementos que trazem a questão da subalternidade da juventude e aí, isso fica muito mais acirrado. Por exemplo, quando a gente fala dos homens e da relação de gênero, dos homossexuais e da relação de gênero. Como é difícil tratar disso no nosso campo.

E aí, a gente vê também essa relação que é um dos debates que a juventude iniciou sua construção, que é falar da subalternidade nas outras relações. E isso passa por uma sociedade patriarcal que a gente tem. E aí, dentro da própria propriedade rural, a juventude enfrenta esse desafio de quem é que gerencia a propriedade e qual lugar da juventude dentro dessa propriedade. Então, são vários enfrentamentos que a gente precisa ter que é para dentro do espaço onde a gente está e é para fora desse espaço.

Aí, é também falar dessa identidade da juventude, que em uma questão espacial é muito próximo das relações da juventude da cidade. E aí, essa juventude que não se difere hoje, visualmente, dessa juventude do campo, mas que vive essa situação, essa dupla realidade de na cidade ser visto como o jovem do campo, muitas vezes numa situação de exclusão, e também na própria comunidade, em que as pessoas olham para a gente, os mais velhos, e dizem que nós não somos jovens rurais porque nós andamos bonitinhos, porque a nossa pele está limpa, porque as nossas unhas estão feitas, o cabelo está escovado.

São várias situações e a gente vem construindo essa identidade da juventude rural. E principalmente falar de um campo que historicamente é visto como lugar de atraso, não é? É um campo onde o bonito é o que está na cidade. O rico é o que está na cidade. Você só vai ser feliz se você for para a cidade. A gente ouve: "Você

só vai conseguir alguma coisa, ser alguém na vida...” Como se ser agricultor, ser do campo não fosse ser alguém! Então, essa relação de *atraso* reflete muito na condição de vida da juventude hoje, na sua permanência no campo. E aí, a gente está falando aqui de um processo que foi construído historicamente, de um país que foi colonizado e que os sujeitos que aqui estavam, povos do campo, que foram passando esse processo.

É uma luta de resistência, onde até hoje a gente precisa dizer que nas festas juninas (construídas culturalmente) realizadas no interior, a gente não precisa colocar as nossas crianças com dente podre, com a calça remendada, com o cabelo de qualquer jeito, caracterizando a figura do Jeca na pessoa do povo do campo. Então, muitos pontos que se apresentam para a juventude, que está construindo uma nova identidade para dizer que essa construção da identidade já diz que Brasil, que projeto de sociedade a gente está querendo.

E aí, essa juventude se organiza em associações. Além de a gente se identificar enquanto sujeitos, de povos quilombolas, enquanto sujeitos indígenas, enquanto agricultores assentados... A gente também se organiza em movimentos. E aí, a gente tem um dos movimentos mais antigos, a gente geralmente iniciou lá pela Pastoral da Juventude, não é? E aí, as juventudes, elas vão se organizando nesses movimentos e hoje a gente tem alguns que tem bastante expressão e que hoje fazem esse debate. O movimento sindical, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o Movimento dos Atingidos por Barragens, a Via Campesina e os movimentos de povos e comunidades tradicionais, dos povos indígenas, dos povos quilombolas... E aí, essa Juventude vai se organizando.

O principal debate que constrói essas organizações de juventude dentro desses movimentos sociais, em todas essas organizações de luta, é eminentemente a luta pela terra. A reforma agrária é o princípio da pauta das lutas da juventude, da organização da juventude, dessa identidade. E aí, uma juventude que chega a determinado tempo histórico e começa a dizer “Não, *peráí*, a juventude precisa... Nós somos sujeitos dessa história, a gente tem especificidades e a gente precisa construir políticas públicas que são específicas, que atendam a juventude naquilo que são anseios da juventude”. Que é, por exemplo, a juventude ter esporte, ter direito a ter esporte, ter cultura, ter lazer. Mas um dos pontos que mais deu início hoje a um grande debate, que é o da sucessão rural. O caminho dessa sucessão rural, lá quando essas juventudes começaram a se organizar no campo, era para

denunciar o analfabetismo. Essa sociedade tinha uma dívida histórica com a gente porque os nossos pais não tiveram direito nem de ler nem de escrever. E a juventude rural hoje ainda é, em sua grande parte... ainda não consegue, de fato, ter acesso à educação; ter direito a isso.

E aí, essa juventude que chegou com o olhar da juventude, da diversidade religiosa, com a diversidade sexual, com o debate de gênero, com a construção do debate da proteção da criança e do adolescente e principalmente de olhar para as relações de produções nossas, e olhar que a gente precisa avançar também naquilo que garanta à juventude ficar no campo, que é o que nós nos propomos a fazer, querendo a produção de alimento, que é a garantia da vida no campo. E aí pessoal, é importante dizer que essa identidade da juventude não se constrói antagônica à juventude urbana. A gente só está dizendo e reconhece que o campo para nós deve ser reconhecido como lugar de trabalho, como lugar de vida. A juventude tem essa relação com a natureza, com a terra. Então, não é nosso interesse, em nenhum momento desse debate, que a gente se coloque como antagônicos a esses processos, mas a gente não quer ser mais um excluído quando a gente está na escola urbana, onde se cria uma turma da zona rural e uma turma do urbano, sabe?

A gente quer chegar em qualquer espaço e quer ser! E quer inclusive ter visibilidade enquanto juventude rural! Essa é uma luta e uma defesa que a gente ainda faz. De todos os processos da luta do povo do campo, por direitos, por soberania por ser protagonista do campo que a gente quer. A juventude rural ainda precisa lutar pelo processo de visibilidade, de dizer “Pera aí, nós estamos no campo!”. E esse campo também tem a deficiência do transporte. Porque até hoje, a gente não consegue que a juventude, por muitas das vezes, estude, que a juventude tenha momentos de lazer, por questão do transporte. Nós tivemos a última conferência que jovens, nós delegados, não conseguimos chegar no aeroporto para poder viajar para a conferência, por questão de transporte. É uma coisa que afeta principalmente a juventude.

Por exemplo, se você pega os povos das águas que andam uma semana de barco, naquelas canoinhas, para chegarem em uma atividade do movimento sindical, dos movimentos sociais... Então, é olhar essa realidade da juventude, também. Que a juventude que está lá no campo e que ainda não se deu conta, e não consegue, muitas das vezes... Ainda sofre muito o preconceito racial, que ainda

sofre muito o preconceito... Que ainda dizem que a gente não é negro, que a gente é pardo, e as pessoas vão naturalizando esse processo, e a gente não *dá conta* ainda de desconstruir um monte de mentiras que foram passadas para o nosso povo e que estão sendo passadas para nosso povo. Então, essa é a luta da juventude. É aí que a juventude continua construindo o debate do Brasil que nós queremos. Que é um Brasil hoje, que para nós do campo, o principal... e aí, a gente compreende que quando a gente fala que não é antagônico à luta da juventude urbana, porque a juventude negra da periferia, que morre, que também não tem acesso à comunicação, que também não tem acesso à educação. A juventude do campo também, a juventude que está morrendo nos quilombos pela disputa de terra, que está morrendo aí disputando as terras indígenas e que está tentando ocupar e fazer resistências na terra, porque é disso que a gente fala, é isso que nos mantêm, e é esse o nosso principal eixo, que faz com que a gente continue vivo no campo. É a terra!

Então, nós estamos falando de um processo de capitalismo hegemônico que vai *pra cima* da juventude. Nós estamos falando da juventude rural e que nós estamos também falando dos mesmos processos hoje, desse sistema que nós temos, que nos humilha, que nos exclui, que explora a juventude urbana, que também explora a juventude rural... Está aí a juventude assalariada... A grande maioria não tem nem os seus direitos trabalhistas garantidos. Então, a nossa luta é a mesma.

E nós estamos falando também de um processo de divisão de classe, não é? Então, é um capitalismo hegemônico que está aí tomando as nossas terras para o agronegócio, não é? Que a gente está aí na luta contra as mineradoras, contra a monocultura do eucalipto. Então, é essa disputa, o enfrentamento que essa juventude faz a cada dia e que a juventude tem feito para dizer que a gente precisa avançar. E nós temos avançado! Essa juventude dos movimentos sociais rurais, que tem estado hoje, é uma juventude que tem conseguido estar dentro das câmaras de vereadores, como vereadores, que estão pautando o seu lugar na sociedade, o seu lugar na política, o seu lugar onde a gente acha que é de direito e onde a gente sabe que é um dever nosso de estar lá para construir relações justas e humanas para o povo do campo.

E aí, a gente está falando do direito da juventude de ter educação, por exemplo. Por que se a gente pega hoje o judiciário que nós temos, porque aqui... Eu

não vou entrar... Que a juventude, que o povo do campo começa a chegar nesse espaço e agora a gente começa a sentir um retrocesso, como a gente agora está vivendo, os cortes aí, principalmente nas licenciaturas em educação do campo, que de fato hoje, têm garantido que a juventude que está lá na ponta, lá nos quilombos possa estar dentro da universidade sem sair da sua comunidade.

Então, nós estamos falando de políticas públicas que a juventude urbana não tem e que a rural muito menos. Por que a rural, além da gente não ter políticas públicas, as que a gente pauta e as que a gente tenta construir chegam tão quadradas para a gente, que a gente não consegue acessar. Porque o Pronatec⁴, por exemplo, que está aí... o Pronacampo⁵... e a gente não consegue que ele aconteça na comunidade e que atenda a realidade dessa juventude. Um Pronaf⁶ que é uma política de crédito, que a gente sempre pautou... de assistência técnica, por exemplo, que a gente não consegue acessar. Por exemplo, a questão da assistência técnica que sempre, todas as políticas, elas são feitas por amostra, sabe.

E aí, a juventude, o Brasil que nós queremos, o Brasil que a juventude rural quer é um Brasil com gente no campo, é um Brasil com sucessão rural, onde a gente possa estar no campo e ter o direito de estar no campo e estar nele com dignidade, com condições de vida, com políticas públicas que de fato deem conta de garantir que a juventude permaneça no campo, que a juventude continue no campo produzindo agroecologicamente, produzindo orgânico, cuidando da nossa terra, cuidando dos nossos elementos naturais, que são fundamentais para a vida e que não é para a nossa vida do campo é para a vida de todo o conjunto da sociedade. E aí, a gente avançou.

Por exemplo, depois de 2000 que a gente entra para a agenda de governo enquanto juventudes, não é? E aí, a juventude rural também se apodera desse espaço. Porque a gente tem construído isso há muito tempo, e aí agora a gente

⁴ O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) busca ampliar as oportunidades educacionais e de formação profissional qualificada aos jovens, trabalhadores e beneficiários de programas de transferência de renda.

⁵ O Pronacampo busca apoiar técnico e financeiramente os Estados, Distrito Federal e Municípios para a implementação da política de educação do campo, visando à ampliação do acesso e a qualificação da oferta da educação básica e superior, por meio de ações para a melhoria da infraestrutura das redes públicas de ensino, a formação inicial e continuada de professores, a produção e a disponibilização de material específico aos estudantes do campo e quilombola, em todas as etapas e modalidades de ensino.

⁶ O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária.

tem... A gente consegue pautar um Plano Nacional de Extensão Rural para dentro do Estatuto e hoje a gente tem a Secretaria de Juventude cortada. E a gente não sabe onde vai chegar, onde vai dar esse plano que foi construído e que foi pensado há tantos anos por essa juventude, que está organizada em baixas, nacional, em acampamentos, não é?

A gente faz hoje uma grande mobilização: o Abril Vermelho, a Marcha das Margaridas, Os Gritos da Terra, festivais nacionais e internacionais de juventude! A gente consegue colocar 5000 jovens para dialogar! O Brasil que nós queremos e o campo que nós queremos! Então, é esse o projeto! Esse é o projeto da Juventude! A juventude que sempre esteve nessa luta, na resistência! E dizer *pra companheirada*, que esse encontro aqui, ele é muito acertado. E acredito que daqui, a gente precisa sim dar continuidade a essa prosa. Por que o problema hoje, que aflige, é um problema de sistema, é um problema dessa elite burguesa capitalista que está aí! E o lugar que ela quer colocar a gente é o lugar que ela quer nos colocar! Então, a nossa luta de juventude tem que ser de resistência! E aí, a juventude urbana e a juventude rural, que está sofrendo com as consequências disso. E a gente precisa se unir agora, unificar a nossa pauta de luta. Compreender que a nossa luta é uma só com as nossas especificidades.

A gente convive, a gente dialoga, a gente acerta, a gente se entende, mas a nossa luta é uma só! E nós queremos sim, nós queremos sim um projeto de desenvolvimento rural sustentável e solidário que dê conta de garantir aos sujeitos do campo, das águas e da floresta, a soberania alimentar! Que dê conta de garantir a soberania dos povos do campo, da juventude e é esse o projeto que a gente quer! É esse o Brasil que nós defendemos e acima de tudo, um Brasil que respeite o povo, que respeite a decisão do povo e um Brasil que seja... Que respeite a nossa jovem democracia. E para terminar... Fora Temer! Fora Congresso Golpista! E a juventude rural está nas ruas!"

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei 12.852, de 5 de Agosto de 2013. *Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE*. Disponível em:

Com a palavra o Fórum das Juventudes da RMBH, Movimento Tarifa Zero, Rede AfroLGBT, Juventude Rural

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 10 Nov. 2016.

PNEU. Política Nacional de Extensão Universitária. *Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras*. Manaus, maio de 2012. Disponível em: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf> Acesso em 10 Nov. 2016.